



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

COMPOSTO E IMPRESSO: T.I.P. «O GAIATO» - PAÇO DE SOUSA
FUNDADOR: PADRE AMÉRICO
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO - PAÇO DE SOUSA
DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA VALES DE CORREIO PARA: CASA DO GAIATO - PAÇO DE SOUSA AVENÇA • QUINZENÁRIO

Eu conheci um Albino e confesso que não vi coisa tão miserável em toda a minha vida!

Passava os dias de cócoras à porta da palhota, a ruminar coisas, com a cabeça entre os joelhos à moda dos orientais; escondia as ancas numa tanga muito sebeta, a quem o sol lambera a côr; por entre os grossos lábios escapava-se a densa fumarada dum canudo de folhas de tabaco nativo, que ele queimava ao contrário dos fumadores da nossa terra, isto é, a parte acesa era precisamente a que ele escondia na boca. Assim fumam os pretos e as pretas em terras da Cafraria.

Tinha uns olhos de fogo, sem pestanas; os lábios e o nariz eram como os dos mais, mas a pele, essa era mais branca do que a de muitos dos presentes, sem ofensa para os morenos.

Os da vizinhança não queriam contos com ele; as mulheres desprezavam-no e se havia qualquer desastre na povoação, de quem cuidam os se-

FACETAS DE UMA VIDA

OS ALBINOS

nhores que era a culpa? Do pobre Albino!

Assim se passavam as coisas com os Albinos d'África.

Os da Índia, também não são tidos em muito boa conta pelos seus compatriotas, contudo são mais tolerados e não lhes atribuem os desastres da fortuna.

Mas existe precisamente na Índia uma outra raça d'Albinos, que sendo albinos como os mais, são no entanto imensamente mais que eles; quero referir-me aos elefantes albinos e a este respeito vou contar uma história verdadeira, interessantíssima, que se passou nos fins de 1927.

Uma das mais importantes riquezas da Índia, como toda a gente sabe, é a exportação de madeiras preciosas e de construção entre as quais a teca, ocupa o primeiro lugar. Os in-

dis penetram nas florestas, algumas virgens, «onde a mão do homem nunca pôs o pé» e derrubam as grandes árvores, cujos troncos são puxados para o litoral por elefantes domesticados. Uma vez ali, são os toros gigantes serrados, aparelhados e exportados para todo o mundo.

Ora foi numa destas florestas de teca, encravada no reino de Sião, que uma senhora elefante das que puxavam madeira, deu à luz um menino albino, quer dizer um elefante branco.

Um elefante branco é coisa de grande veneração entre os Budistas, pois que, como é sabido, é justamente nesta forma que o Gautama Budha se há-de apresentar novamente aos seus milhões de adoradores, numa época que os astrólogos não puderam ainda decidir definitivamente. Por isso o grande acontecimento foi imediatamente e oficialmente comunicado a sua Magestade, o rei de Sião, que por sua vez o comunicou aos grandes da nação. Logo da capital segue para a floresta uma deputação de «Samos» ou monges, acompanhados dum macaco branco, conforme a tradição, afim de prestarem ao «menino» a devida honra e reverência, até este ser capaz de fazer a viagem para a capital, a cidade de Bangkok.

Esta fez-se auspiciosamente em Novembro do ano da graça de 1927. Da capital segue para

Segue para a página Três

PARTRIMONIO DOS POBRES

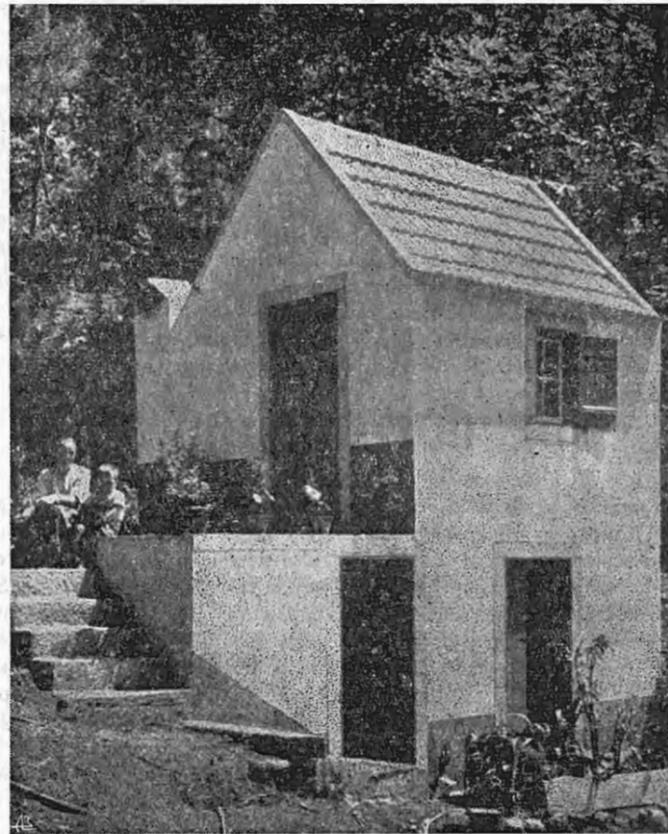
Património de Deus

«E naqueles dias saiu um édito de César Augusto mandando que se fizesse o recenseamento de todo o mundo.» (Lucas 2,1)

Os Judeus não gostaram. É fácil entender... Recensear é um acto de dominação. E a dominação aqui era estrangeira e violenta. Recensear era uma penetração mais íntima do opressor na vida do povo vencido. Os Judeus não gostaram nem poderiam gostar.

Mas havia outra razão mais funda e venerável. Eles eram o povo de Deus. E Deus não precisa de recenseamentos nem os estima. A história de David conta de como o santo Rei foi censurado e todo o seu povo castigado por causa de uma tal medida. Deus imputou ao Rei essa ordem como um acto de vaidade.

CONTINUA NA PAGINA TRES



É com amor, trabalho, com o sangue dos Pobres, que vão brilhando estas estrelas! Parece uma casa de bonecas?... Não. É uma pequenina casa do Património na Ilha da Madeira.

Tribuna de Coimbra

O quadro da Transfiguração do Senhor deve estar sempre presente na vida de todo o cristão. Jesus, por vezes, oculta-se, mas não se afasta de nós.

Todas as vezes que temos de dar testemunho daquilo que nos dão, somos obrigados a afirmar o grande cuidado de Deus para com as suas criaturas e, especialmente, com seus filhos.

Começamos pelas igrejas da cidade de Coimbra, onde fomos pedir em Maio: um e meio em S. Bartolomeu; perto de seis em Santa Cruz; um pouco mais de dois na Sé Nova; na Sé Velha entregamos a saca às Criaditas dos Pobres, que ainda precisam mais do que nós. Coimbra ainda não conhece bem estas grandes obreiras.

Vinte em Santa Cruz; o mesmo no mesmo sítio; igual quantia a um vendedor; quinhentos do Governo Civil, com promessa de dar mais vezes. Assim o espero. Cem de uma excursão dos S. M. C.; uma ceira de pregos de vez em quando; um toma lá, na rua, de um sacerdote; oitenta e bolos da Catequese da Sé Nova que veio passar o dia a nossa casa; quinhentos de quem vive com muitas aflições; cinquenta no Castelo; trezentos da Maria Helena e a Maria Isabel; quatro pneus e câmaras da Mabor; vinte do senhor de todos os meses.

Duzentos no Castelo, comemorando as bodas de ouro dum casal feliz e agradecido a Deus por tantos favores; cem de um novo e velho amigo que regressou da Índia; cinquenta por alma de um ente querido; quarenta deixados no Castelo; vinte no Castelo, de alguém muito pobre, por alma da mãe e melhores do pai; quinhentos deixados no Castelo para os Pobres e para o Calvário, pedindo quatro Avé Marias. Isto de Coimbra.

CONTINUA NA PAGINA DOIS



Alegria e trabalho. Aqui está mais um grupo a dizer ao mundo que as Casas do Gaiato são algo de novo. Quem ontem era nada, a falar ao coração dos homens famintos da Verdade e da Justiça!



O nosso correspondente de Miranda do Douro, o da Casa de N. Senhora da Expectação, não nos escreveu este mês. Há vários números atrás que esta rubrica é terminada por ele. Pois hoje, que não apareceu, começo eu por lhe dizer que conto ir a Miranda por todo o mês de Outubro; que queria muito conhecê-lo; mas para isso tem que me dizer quem é e como o encontrar.

E agora deixemos passar a precissão. Abrem-na duas casas por inteiro: a «Casa da Mãe» entregue no Lar de Lisboa e outra no Espelho da Moda, por uma senhora muito modesta, que não disse nem deixou adivinhar nada de si mesma. Seguem o conhecido: Pessoal do Grémio de Panificação do Porto com 195; mais o da Hica com 1.920\$; e o da Casa Candidinha com 21.ª prestação de 400\$.

No Lar do Porto, uma Maria de Lourdes entregou 100\$ para a Casa de Nossa Senhora de Lourdes. E uma professora manda 20\$ e o alvitre de que «50 senhoras contribuissem mensalmente com 20\$ e assim teríamos em um ano mais um lar onde abrigar um dos muitos infelizes que dele necessitam. A vida é custosa, mas com boa vontade não haverá meio cento de educadoras que queiram contribuir para minorar a sorte dos que estão em condições muito piores?» O alvitre aí fica.

Isolado, no seu grupo, passa o dos 20\$ poupados ao tabaco em cada mês. E logo seguem os que aparecem a pretexto de qualquer oportunidade. Do Turcifal 100\$ «em acção de graças da minha filha ter ficado bem no exame de admissão ao liceu!» Mil de Lisboa, em cheque. Outro que dá a

noticia «tão esperada por mim de que já estou na minha nova casinha e hoje reconheço que feliz é aquele que tem uma casinha sua». E manda 100\$, «uma pedra das muitas que são precisas para uma casa». 500\$ da assinante 17096 com outro tanto, a meias, pró Calvário e prá Conferência da Aldeia. Agora é a «Avó Celeste pelo segundo aniversário do seu Zé Pedro»: 20\$. Cincoenta de Labruge e outro tanto de Penha Longa. Dez vezes mais de uma leitora de «O Gaiato». Menos duzentos «de uma amiga da Obra». E 493\$90 na caixa existente na cabine telefónica da Estação dos C. T. T. da Batalha — Porto, «no período de 8 de Dezembro de 1957 a 26 de Agosto de 1958».

Fecha o cortejo de hoje a falange mais numerosa e mais persistente: os das casas a prestações.

«Anunciação», mais 1.000\$.

A Carminda do Porto, com duas vezes mil, da 5.ª e 6.ª prestação para a «Casa por alma de um José». O do plano decenal. Mai-lo assinante 6.790, de Portalegre, com 24.ª e 25.ª prestações de 50\$. Mais 500\$ para o «Lar de S. José». «Com a ajuda d'Este a obra vai, faltam apenas quatro prestações. Cada vale que mando é uma chama a queimar o coração por ver a obra pronta e agasalhar mais uma família».

Agora é Guimarães: Um que enfileira neste grupo. Ora façam o favor de ouvir:

«Pelo mesmo correio segue um vale de quatrocentos escudos, como primeira prestação para a construção de uma moradia do Património dos Pobres, se possível na cidade do Porto e para ser habitada por uma família do Barredo; penso poder enviar todos os meses uma prestação nunca inferior a duzentos escudos, até completar a quantia necessária à construção da referida casa, que gostaria se designasse «Casa Nossa Senhora da Boa Nova».

Tanto eu como minha mulher sempre sonhamos em ter uma casa nossa para habitarmos, mas, como as economias que conseguimos realizar todos os meses não chegam para tornar realidade esse sonho, e, agora cada vez menos, porque os filhos vão crescendo e as despesas aumentam, quisemos aplicar essas poucas centenas de escudos na materialização do sonho de outra família, com toda a certeza muitíssimo mais necessitada de uma casa sem senhorio, do que nós.

Se Deus nos der vida e saúde para pagarmos a dívida agora contraída, sentir-nos-emos felizes por sabermos que pudemos contribuir, embora modestamente, para o aumento do «Património dos Pobres».

Ó beleza! Mas o que é capaz de mover a actos de uma tal intenção de fraternidade, senão o que tiver em si a atracção do divino?! Não compreendem os homens, ao menos por estes factos consumados que o Património dos Pobres só tem de comum com qualquer empreendimento de construções para classes pobres, o também fazer casas?! Que de resto, a Obra tem uma mística e uma sedução absolutamente singulares?...

Meu caro senhor e sua mulher: De tudo o que propõe só na cidade do Porto é que não poderá ser, por falta de terreno. De resto a «Casa de Nossa Senhora da Boa Nova» há-de ser, a confirmar uma vez aos homens de não muito boa vontade que o Evangelho ainda hoje é Boa Nova e a única de salvação.

A «Casa da Avó Ema» levou mais uma pedra de 100\$, referente à 9.ª prestação. Helena envia a prestação de Setembro e pergunta em quanto vai. Ora não sabemos responder. Normalmente só abrimos ficha corrente para as casas com um nome. Este mesmo é que dá a ordem do ficheiro. No seu caso não temos elementos seguros, mas eu sei pelas muitas vezes que nesta coluna nos encontramos, que já deve ir longe.

Maria Luísa, de Lisboa, mandou 200\$, de Agosto e Setembro, e mais um vale de Julho que ficou esquecido. Com estes dois vales perfaz 2.500\$.

Em Lisboa, 500\$ da Igreja da Graça e 100\$ de um anónimo. Mais 2.000\$ da 2.ª prestação para a Casa Fernando e Manuela e 3.000\$ de uma Vilarealense e 70\$ de um anónimo, tudo no Montepio Geral.

Na Granja, o peditório deste ano foi pró Património, rendeu 7.040\$.

Finalmente Isabel-José com mais uma bolada de 4.500\$. Nesta ficha temos noticia de outra da mesma quantia em Abril de 1957. Portanto, se as nossas contas não errarem vai esta casa nos nove mil. Mas este casal, hoje, acrescenta algo de mais notável que os 4.500\$: é doutrina da melhor. «Gostariamos que a casa tivesse uma placa dizendo «É dando que nós recebemos», pois a verdade é que, até hoje, seguindo este cristão princípio, sempre temos constatado que o oferecido não nos tem feito falta e temos sempre aumentado material e moralmente, pois a nossa riqueza espiritual tem sido alimentada e essa é para nós a mais importante. Glória a Deus porque nos tem mantido no caminho do Bem.

Se possível gostaríamos de estar presentes quando da entrega da casa, não para sermos conhecidos, mas para compartilharmos e vivermos entre os anónimos a felicidade da alegria dos que a vão receber».

Nós sabemos de muita gente, até sacerdotes, que fazem meditação pelo «Gaiato».

Aí têm.

TRIBUNA DE COIMBRA

Vem da página UM

735\$ de um jantar de casamento feito em Monte Real, de grandes amigos de Coimbra; dez, 35\$, mais cinquenta, mais 520\$ uma cartinha cheia de simpatia e mais 20\$ de visitantes; 40\$ e dos alunos da 4.ª e 2.ª classes B da Escola Masculina de Torres Vedras; 27\$ de um casamento, entregues em Leiria; trezentos e dez de um sacerdote doente no Hospital de Cantanhede; quinhentos entregues nos Jerónimos; cem na igreja de Miranda; roupas usadas de Tomar e mais roupas de Tomar ao nosso vendedor; 40\$ de visitantes; 120\$ de visitantes e mais cinquenta; cinquenta de um senhor que passou e subiu; 150\$ de Mortágua para a Conferência e promete lembrar-se mais vezes; 750\$ de uma reunião em nossa casa; cem de uma graça recebida; cinquenta de um pedido a Pai Américo; um dólar e onze escudos de visitantes por alma de um ente querido; mais cinquenta de visitantes; 250\$ de promessa e multa de A. Trezentos de um sacerdote que muito nos ama.

Aproveitamos os domingos de Agosto e demos uma volta às praias e termas do centro. Por toda a parte o mesmo amor e acolhimento que nos confundem. Tudo o que nos fazemos é feito a Deus nos seus Pobres. Três contos em Monte Real; quatro no Luso; onze em S. Martinho do Porto; quatro em Santa Catarina da Figueira. Cinco e meio na Nazaré.

Em Setembro passamos algum tempo na encantadora e acolhedora praia de Mira com vários grupos dos nossos rapazes. Este ano o carinho aumentou a nossa volta. Muitas assinaturas pagas com grande alegria por nos verem. Peixe com abundância para nosso consumo; vinho e outras coisas sem dinheiro; apareceu o amigo da primeira hora com cem; outro com cinquenta.

E por hoje basta.

PADRE HORACIO

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

OS DEZ CONTOS—Andamos contentes que nem um passarinho!

Deus abriu a Fonte e nos — qual bilha de barro tosco e frágil — cá vamos aparrando o que brota em cachão.

Tantas cartas espumantes! Pedacos de alma. Provas de muito amor. Migalhas de muita gente, de muita banda. Enfim, revolução nas almas!

E nós vergados ao peso de tamanha graça. Confundidos. Tanto, que não somos capazes de dizer mais nada.

Louvado seja Deus, nosso Senhor e Salvador, por tantas maravilhas que opera no coração dos homens de boa vontade.

x x x

O nosso eco ouviu-se na Alemanha! Recebemos, de lá, uma carta que diz assim: «Acabo de ler «O Gaiato», hoje chegado. Encheu-me de pena o que li sobre a v. Conferência. Embora longe não posso deixar de enviar uma migalhinha — se muitas outras aí forem também ter, querendo Deus, em breve as dívidas estarão pagas. Tenho muita pena de não poder mandar desta vez mais. Se Deus quiser, para outra vez irá o dobro. M. E.» E «embora longe», esta senhora tem-nos presos pelo coração. A nós e aos nossos Pobres. Mais outra carta: «Li com grande amargura o apelo nos dois últimos Gaiatos. Os meus escaços proventos não me permitem dar o que tenho na vontade, mas hoje tive uma grande alegria com a noticia do nascimento da minha primeira netinha. Envio esses 50\$ em acção de graças. Feliz Avozinha, aqui estou a comungar da sua «grande alegria». E, se me permite, vai uma caricia prá sua netinha. Descanse; As prestações de Julho e Agosto chegaram. Para evitar que não haja desvios para outras obras da nossa Obra é bem preciso que se dirijam, mesmo, à nossa Conferência.

Uma «Maria», do Porto, manda mil e «pedia o favor ao Snr. Padre Carlos quando celebrasse a missa, pedir a Deus para a salvação da minha alma e para me ajudar na minha vida». A Caridade é tábuca de salvação. Sem Ela, não é possível alcançar o Céu. «Lá se foi a persistência da A. F. do Porto! Faltei um mês! Mas hoje estou aqui a pôr as nossas contas em dia e, assim, junto um vale de 55\$00, meus e do meu colega e estou certo do vosso perdão pelo atraso». Isto é, na verdade, admirável. Quem resiste a cartas destas?! Mais outra que não deve ir pró cesto. É luz que alumia: «Peço que deste dinheiro (cinco dólares) tirem 20\$ para a Conferência. Que os Pobres peçam a Deus que livre o meu filho dos perigos da rua que é o que mais me preocupa neste mundo». Que Mãe! Como não há-de ela ter a preocupação dos «perigos da rua» se o filho é carne da sua carne, sangue do seu sangue? Ninguém ama mais o filho que a Mãe. Ela é que sofreu as dores do parto. Daí, «peçam a Deus que livre o meu filho dos perigos da rua». Ó carta!

Um papel muito pequenino respira humildade: «Queira desculpar a insignificância desta humilde oferta — e uma roupinha — duma professora admiradora da vossa Obra». As roupas, o Snr. Padre Carlos acaçou-as!

E há mais cartas. E há mais que transcrever. Porém, isto já vai tão longo que temos de resumir e apertar, se não... não sai!

Assinante 12.342, 100\$. Idem 15.595, o mesmo. Maria Pissarra, 5\$00. Do Lisboa «20\$ anónimos». Assinante 10.651, 50\$. Do Porto, 100\$ de uma pessoa amiga. «De Alguem em 11-9-58, 200\$ de Agosto e Setembro». Quando a Senhora mandar importâncias dirija-se, sempre, à nossa Conferência. Se não... Mais 20\$ de Luísa Moreira. 50\$ da Quinta da Vaqueirinha. O costume da assinante 17.022. Do Porto 20\$00 «tenha paciência de ser pouco para tamanhas necessidades. Deus seja conosco!» 50\$ de Lisboa com «felicidades para todos». Obrigado. No Coliseu do Porto fiz uma caçada e trouxe 50\$ do maestro do «Comboio Foguetes» e outro tanto de José Rocha. Mais 100\$ de Maria Rodrigues, de Lisboa. Mais 20\$ do assinante 17.819, do Porto. O mesmo de Carlos Pereira, de Espinho. 50\$ de Alguem que se lembrou, também do Calvário. O Rev.do assinante 26.535, do Santuário de Fátima, segue com 100\$. Tenha a bondade de pedir, aí, à nossa Mãe do Céu, que nos dê Força, muita Força! Obrigado. Maria Coelho e Silva, do Porto, 50\$. Mais 20\$ do assinante 26.776. E 15\$ de Aurélio Carvalho. E 38\$ de Lisboa. Dr. Manuel B. Martins. E 50\$ do assinante 1.988. E é tudo.

Júlio Mendes

O que nos dão no Tojal

Continuação da 4.ª página

As promessas repetem-se, 50\$. Visitantes tornam com 200, com metade, com 20\$, com fazenda, fatos de banho, mimos de consolar. Mais calçado na Rua do Cabo. Roupas em Alvalade. Pertinho cem.

Sem balbuciar palavra senhora discreta entrega 500\$ e despede-se. Deus a ajude. Outro visitante com 500\$. Na Igreja da Encarnação três mil.

Os empregados da Mobil Oil Portuguesa sabem quanto lhes queremos pela amizade forte que os une aos farrapos da rua. Aqui estão com 2.261\$, 1.256\$ e 2.650\$.

Para o bebé de Monsanto 150\$ de amiga de África. Os alunos da Escola Nuno Gonçalves perfilam-se com 400\$, mais a sua simpatia. Donativos de mil e vários de cinquenta. Amigo do Senhor Padre Carlos 200\$.

Senhores de Lisboa em excursão habitual com um mundo de sacos de mercearia. Professores de Loures almoçam connosco, após os exames e revelam carinho pela Obra, entregando 650.

Mais 5\$ e dez e cem vezes mais. Cada qual segundo a capacidade. Para sufrágio 2.000\$. Visitantes de Lisboa com 20\$ 50\$ e 95\$. Os empregados dos Produtos Lácteos com 328\$60 e 171\$.

A capital manda roupa, a medo. Loures, carne do matadouro. Senhores, discos e cem. Algés 30\$ por escapar à gripe.

«Meu e dela para o que entender, 20\$». Encontro na Caridade. É a perfeição do amor. Que casal feliz! Os empregados da Sonap com 100\$. Mais visitantes com 60\$, 50\$ e 20\$. Na Igreja da Graça 500\$ em mãos de gaiato nosso. No Restelo pneus pró calçado. No Rato, roupa e 20\$. Tornam visitantes com cem. Da Parede outro tanto «para os seus pobrezinhos». Ora eles são de todos nós.

Agora segue o Montepio Geral com listas de donativos e embrulhos que damos à estampa. Nota de cem de Adelaide. Várias de 50\$ de Alice. Maria Luísa com 100\$ e o casal de Arroios certinho com outro tanto todos os meses do ano. Que felicidade por dar e dar sempre. Que feliz! Como gostava de o conhecer! Não me é dado. Donativo de 620\$. Com um embrulho 100\$. Para os Pobres 50\$. Duas pequeninas de Nampula com 100\$. Alfacinha com mil a repartir pelo Calvário, Curraleira e Pobres do Tojal. A. L. B. L. com 200\$. Os empregados do Banco de Portugal com 2.183\$50. São uma presença certa em seu dar; e o Senhor não os esquece em seu recompensar. Juntamente trazemos roupa, calçado, bolas, amêndoas e mais esmolas de anónimos, 120\$, M. A. S. 140\$, H. F. 500\$. Mais 10\$. Assinaturas pagas por ab. 1.227\$.

Por tudo Deus seja louvado! PADRE BAPTISTA

Património de Deus

VEM DA PÁGINA UM

Vem no derradeiro capítulo do segundo Livro dos Reis e também no 21.º do primeiro Livro dos Paralipómenos. A Bíblia é tão pouco conhecida que vale a pena transcrever:

«Levantou-se Satan contra Israel e induziu David a censurar o povo. E David disse a Joab e aos príncipes do povo: Ide e contai o povo de Israel desde Bersabée até Dan e trazei-me o número para que eu o saiba.»

E Joab respondeu: Aumente o Senhor cem vezes o Seu povo. Ó Rei, meu senhor, acaso te pertencem todos os teus súbditos? Porque se empenha então o meu soberano em lançar Israel no pecado?

Mas a palavra do Rei prevaleceu; e Joab saiu e percorreu Israel inteiro e voltou a Jerusalém. E deu a David o número daqueles que recensara (...)

(...) Porém, a Deus desagradou o que fora ordenado e castigou Israel. E David disse a Deus: Pequei gravemente fazendo isto; rogo-Te: faz desaparecer a iniquidade do Teu servo, porque eu agi como um estulto.» (I Paral. 21, 1-8).

Mas Deus castigou de facto o Seu Povo. Deu a escolher a David entre três castigos. David não quis escolher. Abandonou-se à misericórdia de Deus. «E o Senhor mandou a peste a Israel e morreram setenta mil homens» (versículo 14).

E então, «David disse a Deus: Acaso não fui eu quem mandou censurar o povo?, eu que pequei?, eu que fiz o mal? Este povo que falta cometeu? Senhor, meu Deus, rogo-Te, lança a Tua mão sobre mim e sobre a casa de meu pai, mas não castigues o Teu povo.» (versículo 17).

E a esta prece de rendição, em Humildade e Amor («Lança a Tua mão sobre mim, mas não castigues o Teu Povo»), Deus não resistiu: Rendeu-Se também. E a pena caducou.

* *

Depois daqueles dias em que saiu o édito de César Augusto, que foram os dias do nascimento de Cristo Jesus; depois daqueles outros em que os Judeus rejeitaram Cristo, não O reconhecendo o Messias Salvador — são os cristãos o Povo de Deus.

Mas os cristãos não guardaram mais o instinto desta pertença como quase sempre o tinha conservado o povo judaico. E apesar do próprio Mestre ter definido as fronteiras das ordens de César e de Deus, os cristãos parece não sentirem a profanação quando acontece que César se imiscui.

É sintoma de um profundo enfraquecimento religioso do povo que se diz cristão. Por isso, quando surge alguém, seja leigo, ou padre, ou bispo, em quem não embotou esta sensibilidade própria do Povo de Deus, que o levará a confessar que Deus é Rei e a não pôr obstáculos a que Ele reine de facto — esse é uma figura singular, olhada de revés, em suspeição.

Pai Américo foi um destes. Eu ouvi algumas vezes, até de mentores espirituais, bastantes reservas à sua «independência» na prestação de contas. «Uma bizzarria! Um capricho! Um culto de singularidade!»

Que teriam dito naquele tempo, do fiel e prudente Joab? Do seu atrevimento, contrário ao Rei?: «Acaso te pertencem todos os teus súbditos? Porque se empenha então o meu soberano em lançar Israel no pecado?»

* *

Quando se tratou da entrega da quinta de Paço de Sousa à Obra da Rua, Pai Américo foi chamado ao Governo Civil do Porto a uma reunião. Ele disse o que tencionava fazer. Depois, os outros senhores ditaram as suas cláusulas e condições.

Pai Américo levantou-se; parece que nem chegou a saudar ninguém; e retirou.

O grupo ficou paralizado de admiração. Pois então um sacerdote ainda não muito conhecido a esse tempo e pobre e necessitado de uma propriedade ampla, onde realizasse a grande experiência começada a ensaiar nas pequenas instalações de Miranda do Corvo, desprezava assim a oportunidade de uma quinta como Paço de Sousa?!

Alguém do grupo venceu o torpor e correu atrás de Pai Américo, que já descia as escadas que dão para a rua. Trouxe-o atrás. E Paço de Sousa foi-lhe entregue sem cláusula nem condição nenhuma.

Que teria sido sem este zelo devorador dos direitos de Deus? Talvez mais um vulgar asilo onde hoje é a Casa do Gaiato...

Pai Américo dissera antes dos mais o seu plano. Seu... que não era seu, mas o que Deus lhe inspirava. Ora Deus não está sujeito à condição de lhe fornecerem quintas para realizar os Seus planos. Quintas e tudo o mais que é deste mundo são coisas de menor importância, que nunca faltam se os timoneiros da empresa são cidadãos vivos do Reino de Deus e se colocam no caminho da Sua Justiça.

Paço de Sousa não deixou de lhe ser entregue (Honra também aos outros daquela reunião no Governo Civil do Porto!) e quantas... «ainda virá tempo em que as havemos de recusar»... E esse tempo já veio.

Esta é uma página ignorada pela maioria, é uma das páginas luminosas da vida de Pai Américo.

Agora, o preço em desgaste interior que lhe custou em toda a sua vida de padre, a defesa dos direitos de Deus, seu único Senhor e Mestre — esse, só Deus sabe e dele terá feito a coroa da sua glória.

«Capricho»? «Bizzarria»? «Singularidade»? Pobre do Povo de Deus (apesar de tudo!) em que são tão raros os membros que conservam vivo o instinto da soberania divina e dos

Peregrinação a Lourdes

(Cont. do número anterior)

Em cima, nas ruas antigas, regorgitam os habitantes que dizem adeus ao dia e se preparam para viver os mistérios da noite. Em baixo, as águas calmas do rio, saltando aqui, descendo ali, a murmurar sua canção $\alpha\pi\epsilon\rho\iota\ \nu\ \mu\epsilon\tau\alpha\sigma\tau\epsilon\rho\epsilon\ \epsilon\rho\epsilon\ \alpha\upsilon\theta$ como menino pequeno em seu berço!

Andamos e, pouco depois, o panorama volta à forma anterior. Luzes em pequenas aldeias e os faróis já se fazem sentir. Snr. P.e Martins começa e recitamos o terço por nossas intenções e dos familiares que deixamos em nossas terras. Cada qual a sua. Nós a mais numerosa de Portugal que é a Obra da Rua. Encontramo-nos longe, mas o pensamento mais perto. As pessoas começam a dar-se a conhecer e em breve os carros eram uma família. Uptonhamos que era tudo, uma casa. Na mesma havia uma gaiola e os pintassilgos eram os Gaiatos que já toda a gente se habituava

Facetas de uma Vida

— Continuação da pagina UM —

cima um combóio especial com cerca de 300 oficiais maiores do governo entre os quais dois príncipes da família real e uma nova remessa de «Samos» nos seus hábitos amarelos. Menino e Mãe tomaram lugar numa carruagem adequada ao seu «modus vivendi», e aí regressa o famoso cortejo à capital.

No trajecto há paragens oficiais, onde as autoridades, e povo aos milhares, vêm cumprimentar suas excelências, havendo então festas de comes e bebes com descantes populares, enquanto os ilustres homenageados arejam a tromba e escarafuncham com ela coisas na relva. Na estação da capital o combóio é aguardado pela côrte. A cêgada apeia-se e põe-se em marcha para um dos parques reais, onde um enorme pavilhão acaba de ser levantado, para receber festejados e festeiros.

Agora a cerimónia é soleníssima: vai-se impor um nome ao menino, para o que lhe é aplicado um banho de água lustral pelas mãos de sua magestade na presença de centenas de sacerdotes, da côrte e de muito povo.

A seguir, lança-se ao pescoço do albino uma enorme corrente d'oiro, sinal de autoridade.

Decreta-se uma semana de luto; os oficiais, que acoram o elefante, são condecorados, e o regabofe na cidade é muito mais aceso que o S. João de Braga!

Aonde e quando é que o Albino Pedro ou o Albino Simões hão-de ter jamais uma glória assim?

FREI JUNÍPERO

«LUME NOVO» n.º 9, Fev. de 1929

Seus direitos e sofrem e lutam quando em atropelo deles (que é afinal atropelo do Homem!), César se imiscui.

a estimar.

Um mar de luzes. Muitas e muitas. É a cidade de Salamanca que fica cada vez mais próxima.

Já passamos a ponte sobre o Rio Tormes, onde a cidade se deita e descança um pouco das fadigas de mais um dia de laboriosa luta. Entrámos na cidade e recebemos o simpático sorriso das espanholas que passeavam, dizendo adeus à sua terra, antes de se deitarem.

Estamos na Plaza Poeta Iglésias. Descarregamos as malas e fomos em direcção ao Gran Hotel, para o jantar. A verdade é que estávamos a precisar de lubrificar o estômago. Já não tinha carburante nenhum do que fôra adquirido na Guarda.

Jantamos bem e fomos dar uma volta pela cidade. Gostamos muito. Estávamos cansados e fomos para o «Vale de lençois», num quarto magnífico, onde ficamos os três pintassilgos. Os outros dois foram antes, nós depois. Estavam a dormir e acordámo-los com uma travesseirada na cabeça. Manuel Pinto afinou e foi um caso sério para o tornar a desafinar, mas depois lá se compuseram as coisas e a noite foi calma, repousante. Acordamos frescos e bem dispostos. Pinto bate as palmas:

— São horas ustds. O sol já entra pelas janelas.

Não quisemos o almoço. Fomos visitar a cidade, que já tinha acordado há muito. É uma cidade que acorda cedo. Mocinhas engraçadas, com seus cestinhos vão às compras. Há muito movimento na praça maior, uma das mais lindas de Espanha, com suas arcadas, por baixo das quais se multiplicam os estabelecimentos. Vêem-se poucos carros e esses são estrangeiros, destacando-se os portugueses. Aqui, praticamente, só se usam veículos utilitários, que lhe dão um ar típico e engraçado. É uma cidade alegre, como o é também a gente que a habita. Passa um vendedor de jornais, parecido com o nosso Toupeira e nós compramos um para entabular conversa:

- Quanto custa?
- Cinco pesetas.
- Já vendeste muitos?
- Hoje tenho tido «Mala-queste».
- Como te chamas?
- Alvarez.
- És daqui?
- Sim, sou.
- Tens família?
- Pai, Mãe e mais dois irmãos, trabalho para eles.
- Gostas da cidade?
- Muito.
- És pobre, não és?
- Tenho pouco, mas há muitos, piores do que eu.

E lá se foi num ápice a oferecer o jornal às pessoas que passavam.

Descemos à Plaza del Mercado, onde afluiam carroças puxadas por burritos, trazendo os mais variados frutos e hortaliças, onde as donas de casa abasteciam suas casas. Esta cidade universitária é grande. Monumentos por todo o lado, onde abundam igrejas riquíssimas. Visitamos a da paróquia de S. Julião, na praça do mesmo nome, onde em

grande alpendre, abundam melões e melancias. É uma cidade cem por cento comercial. Aqui, afanosamente, homens trabalham no aformoseamento das ruas. De frente o grande palácio do Governo Civil, Câmara Oficial da Propriedade Urbana. Ali perto dois cães à bulha e um dos visitantes diz em tom muito engraçado:

— Os cães falam espanhol. Um espanhol que ouviu a conversa, responde: — ...Mas entendem bem os portugueses.

Continuamos a nossa visita, no meio de ruas pitorescas, que mais pareciam a Velha Alfama de Lisboa e ruas do nosso Porto. Calle del Callem, Ventura Ruz, Calvo Sotelo...

Cidade muito bonita, com pequenas e engraçadas praças, circundadas por toda a cidade. A cada passo, vimos os burritos com uma cesta de cada lado e dentro destas o pão que vai abastecer as pensões e hotéis.

* *

A Universidade é o grande orgulho de Salamanca e seu povo. A sua grandeza, traçado, cada uma das suas multiseculares pedras, nos têm uma história a falar da sua antiguidade.

Depois de entrarmos com as respectivas pesetas, lá vem o guia, todo encadernado que nos vai informar. A nós em primeiro, porque estamos de bloco na mão, somos da «imprensa»!

O primeiro diploma que a Universidade conserva é uma cédula de D. Fernando, datada de 1243, referindo-se à fundação por seu pai, o Rei Afonso IX de Leão. Em 1254, Afonso X dota-a com doze cátedras. No mesmo ano, o Papa Alexandre IV concede à Universidade a categoria de Estudo Geral, ficando, portanto, a equiparar-se a outras de nome, nas diversas partes do globo. Muitos outros privilégios lhe foram concedidos também por Bento XII e Martinho V, assim como por todos os Reis Católicos.

Esta Universidade era a menina dos olhos de Espanha e um dos principais centros escolares de todo o mundo, nos princípios do século XVI. Daqui saíram os mais fortes clamores dos direitos humanos e da defesa da Cristianidade e Civilização para o mundo. Grandes figuras educaram e contribuíram portanto para a elevação humana e social. António de Nebrija, o português Aires Barbosa, Com. Herman Núñez, Fernan Perez de Oliva, Francisco Sanchez de las Brosas, António e Diego de Cabarroleias, Frei Luís de Leão, professor de Teologia e um dos maiores líricos espanhóis. Os discípulos desta são o orgulho, pedras preciosas de Espanha, da História, tesouro do mundo das Artes e das Letras...

O principal edifício da Universidade começou a ser construído em 1415. Alonso Rodriguez, o primeiro arquitecto. A maior parte conserva as linhas gerais do traçado em definitivo, levada a efeito sob a protecção dos reis católicos, em fins do século XV.

Continua

Daniel Borges da Silva

SETUBAL

Esta coluna é não somente o haver mas também o leve — do que nós necessitamos. Eu já aqui expus as impressões colhidas da alegria dos meus gaiatos — o canto da primavera em pleno inverno e o dos grilos no final do Verão. Os nossos amigos vibraram como o vibrar dos rapazes e extasiaram-se a contemplar a sua capacidade engenhosa, exploradora, inocente. Muita gente veio ver as gaiolas dos grilos e os grilos das gaiolas. O gosto pela música expande-se sobretudo na puerícia e na juventude. Eu gosto da música; sempre gostei, mas nunca soube cantar. Deus não me deu ouvido. É uma pena que tenho, maior ainda pela pena que eles têm de não terem quem lhes ensine a cantar. Eles já pediram um harmónio mas ninguém os ouviu. Com um harmónio afinadinho já nos arranjávamos. Quem nos dá um harmónio? São oitenta e dois rapazes a pedirem e comigo oitenta e três.

Setúbal vai ter no liceu, pela primeira vez, dois gaiatos. São

Rouxinol e Pintassilgo. Os apelidos são eloquentes e estão bem adaptados. Para o Externato Frei Agostinho da Cruz vai Crisanto. O mesmo externato está aberto gratuitamente a quantos a Casa do Gaiato precisar. Começamos a ser conhecidos e consequentemente a ser amados! Graças a Deus! Eles necessitam de duas bicicletas e de livros. Nas aulas o meu trio ramallete dá conta do recado. No comportamento confio.

Vamos ao haver. Da «Cosel» recebemos um fogão a Gaz Cidla com garrafa e tudo. O primeiro ordenado duma anónima setubalense 97\$90. Do mealheiro duma senhora amiga 22\$50 e das suas prestações vinte e mais quinze e mais 50\$ por três meses e mais 20\$. Visitantes deixaram 37\$40 e mais 200\$. Dos vicentinos reunidos 837\$. Duma família tripeira que veio a pé visitar-nos setenta. Duma senhora que nos trouxe um rapaz cem. Duma aumento de ordenado para os Pobres 200\$. Mais visitas

mais 40\$. Da Andorinha recebemos as suas cotas mensais para a Conferência. Das senhoras costureiras para feitiço da batina oferecida 357\$50. Dum setubalense residente em Lisboa duzentos por duas vezes. Por uma graça recebida 50\$. Da «Iluminadora Setubalense» caixas, madeira e lenha. De Caldas da Rainha 50\$. No Consolado Inglês 150\$. Duma família enlutada muita roupa boa, calçado e objectos de toilette. Rezamos por quem chora. Da Sociedade Permutadora, embalagens para tratamento de árvores e culturas da quinta. Mais visitas com 122\$. A um vendedor «por alma de meu pai» 50\$. Duma ourivesaria, agulhas e cinquenta. A um amigo dez e mais vinte e mais trinta e roupas e livros e calçado e carinho por muitas vezes.

Por intermédio de outros amigos doze caixas da «Couraça» e quatro caixotes de louça de Sacavém. No Setubalense cem por duas vezes. «Para os vossos queridos gaiatos» roupa e cinquenta e «pena de não poder dar mais». Na Sopeirinha cinquenta. Por mais uma graça de Pai Américo cem. Pelouvers novos «com preços marcados». Roupa usada e calçado da Escola Industrial. Uma equipa, toda catita, da fábrica Sameiro.

Das raparigas e rapazes da Quinta do Anjo uma festa, rebuçados e bolos e 65\$50. Nos correios «um aumento de ordenado» em acção de graças por um exame 200\$. Para Gasóleo 50\$. Dum ceguinho que nos veio ver cem. Duns visitantes nortenhos mais cem e cinquenta no Barreiro. Da Ilha de Santa Maria vinte para Meia-Lua e 150\$ duns amigos acampados. 500\$ do aumento de ordenado de alguém a quem prometi segredo. Para a pobreirinha que tem sete filhos e o marido tuberculoso 20\$. «Pelas melhoras de meu filho» cem. A um jocista dez. Remédios numa farmácia e no hospital! Na Escola de condução Viúva Delgado um dos maiores prepara-se de graça para tirar a carta. E muito mais que só Deus sabe.

PADRE ACÍLIO

Do que nós necessitamos

Mais 500\$ de Lisboa para o pagamento de dois meses de aluguer dum pobre do Barredo, o qual paga 8\$ por dia. Pois quem não se compadece destas pobres famílias? Se olharem para dentro das nossas casas e contemplarem todos os nossos haveres; se os filhos contemplarem o aconchego do lar, o carinho dos pais; e se estes igualmente compararem os seus lares, com os destas famílias, não teriam coragem de gastar tanto dinheiro mal gasto. Se cada família abastada guardasse um pouquinho das suas regalias e se com essas migalhas pagassem de vez em quando o aluguer de uma família pobre, veriam como não seriam menos felizes. Comecem já a amealhar, se puderem, e verão se é verdade ou não o que digo.

O grupo excursionista «Os Amigos da Casa do Gaiato» com 790\$. Do Porto, uma anónima A. Z. F. 100\$; de «uma humilde portuense» os habituais 100\$; 20 e outro tanto por este mês ter sido bom de trabalho. Do Marco de Canavezes 70\$ de duas graças obtidas. Novamente a cidade Invicta a destacar-se com 570\$, 100\$, 50\$, 20\$ duma promessa. De Vilar de Andorinho 35\$. Um que manda o seu primeiro ordenado. Pois seja muito feliz no seu emprego. Mais 120\$, um fio de ouro com medalhas e mais um par de brincos do mesmo metal. De duas peregrinas que vieram à campo do nosso Pai Américo 10\$ e 5\$. Deus sabe o sacrifício. Para os Pobres do Barredo 100\$, 50\$ e mais 100. Por uma graça 708\$. Mais vinte do Porto. Outro tanto de Lisboa. Mais 50\$ dos dois amargurados. Fontinense F. C. 50\$. Produtos Flexicol, uma lata de quilo deste artigo, 70\$ do costume da Alda; por uma graça concedida 100\$. De Braga para um pobre doente 100\$. Da Freguesia Vera Cruz — Aveiro, 20+50 para a mãe que só dá pão ao filho quando ele barrega. Segue-se Famalicão com 70\$. Mais 100\$ da Fig.ª da Foz, pedindo uma Avé Maria. Um sargento

de Leiria, que é muito amigo dos nossos tropas, pelo bom êxito do seu filho no exame do 4.º ano, 50. Mais 138\$ do produto de duas horas extraordinárias. De uma mãe com o marido desempregado 20\$. Bendito seja Deus. Tantos sacrifícios! Ó irmãos gaiatos, pensemos um pouco nestes sacrifícios e vejamos se somos dignos destas esmolas. Cada um faça o exame de consciência e faça por ser melhor.

Muitos e lindos botões para as nossas roupas, do assinante 16465. 50\$ de uma anónima, pedindo um Pai Nosso. Da Póvoa do Varzim 50\$. 20\$ de Sinfães, o dobro de Viana do Castelo, outro tanto de Vila do Conde. Mais 200\$ de um senhor que deu sangue no Hospital Rainha D. Amélia, da Beira. 200\$ de Moçambique, de um nosso amigo da Beira, 100\$ entregues por alguém de Leixões. Outro tanto da mesma terra. E para acabar, Vila Mariano Machado 100\$, referentes a este mês.

Caros amigos, muito obrigados e até à próxima se Deus quiser.

Fernando Dias

Esclarecimento

Anda por aí em preparação um número único ilustrado sobre o Pai Américo e a sua Obra.

Para custear tal publicação os editores precisam de anúncios e os angariadores insinuam, ou pelo menos, deixam a convicção de que se trata de uma iniciativa nossa.

Não é verdade. Apenas sabemos que se prepara essa edição e não nos opusemos, com a promessa de nos ser dada a revisão do texto afim de evitar enormidades.

De resto, a Obra da Rua nada tem (nem mesmo nos lucros, como ao negócio parece convir que se acredite!) com tal publicação. Cautelizada, pois, meus senhores!

Visado pela Comissão de Censura

O QUE NOS DÃO NO TOJAL

«Os senhores agora estão para fora». Esta frase repete-se por aí além com mágoa, mas com verdade. Por ela entende-se que há um tempo em que os Pobres são objecto de carinho e cuidado; e outra época em que o descanso pessoal é exigência superior que tudo o mais faz olvidar: — «Os senhores agora estão para fora». E o Pobre aguarda o regresso daqueles como o termo do exílio e das privações. Inconscientemente faz-se caridade por etapas. Natal e Páscoa são metas obrigatórias. Entretanto há labor e azáfama, depois do que advém o estio com preferências gerais para repouso. Resultado: dá-se uma quebra. Uma pausa funda. Todos são concordes na interrupção. Porém, não se tomam providências para que esta não seja total. Parar é retroceder. Não entendo como possa haver férias em actividades autenticamente vicentinas. Mas ele há! Quem ama, ama sempre. Quem reconhece nos outros irmãos, nunca os rejeita. Mas ele, sim. Ai, as férias! Varrer os outros do pensamento por estorvo é egoísmo. Por isso as férias quase sempre são sinónimo de egoísmo.

Como gostei daquela mão escondida que correu fronteiras, e longe, bem longe, todos os dias guardou economias para os Pobres, privando-se de bugigangas legítimas! Aqui está. Deixa duas notas de cem e some-se.

Pois o verão é sempre fraco. Dele se lamentam os rapazes e com razão, porque as igrejas estão vazias e ninguém os ouve apregoar. Mas a seca não é total. A Providência prossegue solícita, e nós, meninas dos Seus olhos.

Assomam visitantes com 100\$, 110\$ e 60\$. Promessas pagas de 50\$ e 20\$. Para sufrágio 140\$, 100\$, 30\$ e 40\$.

A Ajuda repetiu a passagem pelo Tojal e foi tudo na mesma. Até na abundância de mercearia.

Ao apelo correspondeu uma enchente de sapatos pró descalço. Da Azambuja, da Covilhã, do Dafundo, de Lisboa, eu sei lá! Agora apresento-me eu a interceder por eles. Venham cores, feitios, tamanhos, que tudo calba.

Algés deixou cem. A mesma quantia prós Pobres. Metade duma senhora da Parede. Outro tanto e mais roupa doutros senhores de Pedrouços. A U. S. A. por via marítima remete-nos um malão com roupa.

Aprecio sumamente coisas de valor, mas muito mais quem delas se desfaz alegremente. Desta feita entregaram-nos uma ponta de marfim trabalhada. Que linda!

O Município do Seixal marca presença com 500\$. A secção de operações da Sonap vem com 100\$. Um visitante com 30\$.

No Lar também os amigos se desobrigam. Um com duas notas de cem. Outro com 550\$. Outros com 120\$, 50\$. Mão certa, mão ignorada, depõe frequentemente mercearias. As nossas casas são santuário de promessas a cumprir. Muitos assim o entendem. Este vem com 60\$. Do Dundo, Angola, 500\$. «Para o que mais precisar 700\$». Alguém pede desculpa de serem somente 20\$.

Segue para a página DOIS

Segundo a parábola do Bom Samaritano, o sacerdote judeu viu o seu irmão maltratado e gravemente ferido e andou. Não houve para com ele de misericórdia. Podemos, pois, viver num meio muito desfavorecido, contactar diariamente com Pobres, sem, contudo, medirmos as suas angústias. Aproximar-se deles e sentir-se possuído da mesma angústia será o ponto de partida para os conhecermos e, depois, nos interessarmos pela resolução dos seus problemas. Mas quando os Pobres acham toda a sua miséria uma coisa muito natural, entregando-se a cego e preguiçoso fatalismo, então a missão do Visitador tornar-se-á assás complicada e dolorosa. Ou quando a miséria é olhada pelos de fora igualmente como coisa fatal e até justa — para servir as classes favorecidas — então os Pobres sorverão o seu cálix de absinto até ao fim.

Olhar pelo Próximo desfavorecido é uma exigência da nossa Fé Católica. Onde quer que nos encontremos não façamos estereis confrontos entre a condição de vida das diversas populações. Nada lucra com isso o Visitador ou os Pobres. Há, sim, que compa-

CHALES DE ORDINS

rar a vida dos miseráveis com a nossa ou com o exigido pela lei de Amor do Evangelho, para que o homem possa viver, dentro da sua dignidade. Comparar Ordins com o Barredo ou a Curraleira? Certamente não são lugares de morte iguais. Mas julgar em Ordins tudo bem, por não haver canibais, é contentar-se com pouco. É desfocar o problema. Creio que as coisas devem pôr-se assim: Se meia dúzia pode ter acesso à propriedade, porque não todos? Como há-de haver casas boas para uns e para outros casebres (sem divisões, de colmo)? Se uns têm garantido, no dia de amanhã, a alimentação e o vestuário, não devemos prover às legítimas necessidades dos outros? Somos irmãos? Então olhemos pelos Pobres, que há barredos por muita parte.

Alguém de Matosinhos vem por mais um chale. Lisboa mensalmente cá está. Penela, uma vez mais, aparece, todavia, recebendo-se hoje, dia 20, a sua carta, é impossível cumprir-se o seu filial desejo. Para outra vez, peça com a devida antecedência.

O Júlio Mendes fez dois pedidos e escreve: «estou a ver que vou ser nomeado agente dos chales em Paço de Sousa». Fica, desde já, autorizada a agência, mas, Júlio, simplifique as coisas. A cobrança, não peça, por ora; quando, em Outubro, houver uma senhora à frente destes trabalhos, então, sim.

Caldas da Rainha quer dois. Armamar um. Beira (Moçambique) depõe nas minbas mãos 100\$ «para um chale dos médios, para uma pobre que dele tenha necessidade. Não importa quem seja. V. fará o favor de o dar a quem o entender». Oh riqueza! Quem dera mais!

Os 50.000 leitores ajudem-nos. Precisamos de todos, que as despesas vão aumentando. Quem de ra que tantos chales armazenados voassem dentro de poucos dias, para podermos fazer, depois, aqui uma revelação.

A Casa das Tecedeiras vai crescendo. Um médico amigo pôs-me nas mãos 300\$. No Lar do Porto encontrei 20\$. A Cerâmica do Carvalhinho e a RAL ajudam-nos com os seus produtos. Bem haja a todos.

P.e Aires